



Revolução dos Cravos: Duas Décadas (Resumo Histórico — 1974/1994)

Therezinha de Castro*

Conforme o título esclarece, trata-se de um resumo histórico da "Revolução dos Cravos", no qual é apreciada sua evolução, desde 1974, quando eclodiu, até 1994, quando completou duas décadas.

A Revolução dos Cravos se fez, praticamente, quando liderados pelo pragmático General Antonio de Spínola, os capitães tomaram os quartéis. A senha seria a canção composta por José Affonso, tocada na rádio de Lisboa, chamada *Grândola Vila Morena*. A referida música conta a história de uma moça assassinada pela PIDE, polícia do regime salazarista. Em sua chamada diz: "Em cada rosto, um amigo em cada esquina, igualdade, Grândola, Vila Morena, Terra da Fraternidade."

O movimento desencadeado pelo MFA (Movimento das Forças Armadas) levaria a oficialidade esquerdizada e radicalizada,

desde o início, a se enfrentar com setores militares e civis conservadores. Os capitães Melo Antunes, Vítor Alves, Vasco Lourenço e, em particular, Otelo Saraiva de Carvalho, do MFA, levariam o país a uma fase de vertigem e embriaguês. Com seis ministros, e com o próprio "capitão de abril" transformado no Governador Militar de Lisboa e, ao mesmo tempo, chefe do Copcon, o braço armado do MFA, radicalizaram o poder.

Em consequência, as desavenças começaram já no período do governo provisório de Spínola, tendo Adelino Palma Carlos, um liberal, como Primeiro Ministro, substituído por Vasco Gonçalves, que favoreceu abertamente a esquerda. Daí a tentativa de golpe de militares da direita, contando com a conivência de Spínola, a fim de bloquear o

* Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.

avanço esquerdista. Falhando o golpe, Spínola foi para a Espanha e a maior parte desses oficiais para o Brasil, enquanto o Governo era entregue ao General Costa Gomes.

Nessa fase, a ação radical da esquerda provocaria o êxodo em massa de empresários, "saneamentos" de funcionários civis e militares e de latifundiários; fábricas seriam ocupadas pelos grevistas, enquanto nas propriedades alentejanas, trabalhadores rurais tentaram tomar o poder. A economia iria vacilar ainda mais, com grupos empresariais transferindo-se para o Brasil — Espírito Santo, Champalimaud e Antiquarius.

O Grupo Espírito Santo era, até então, um dos maiores do país, proprietário de Banco com o mesmo nome, da Seguradora Tranquilidade, além de inúmeras associações empresariais. Transferido para o Brasil, fundou o Grupo Monteiro Aranha, o "Credit Agricole" (francês), o Banco e o Grupo Segurador Inter-Atlântico. Com a reabertura em 1986, esse Grupo recuperou o Banco e a Seguradora, que haviam sido desapropriados, parte da família regressou a Portugal, continuando, no entanto, a manter seus negócios no Brasil.

O Grupo Champalimaud era o maior no ramo empresarial, detentor da única siderúrgica do país, 8 fábricas de cimento, um Banco e uma Seguradora. Como a revolução desapropriou tudo sem indenização, o Grupo se mantém próspero no Brasil, com fábrica de cimento em Vespasiano, Minas Gerais, e inúmeras fazendas.

Já Carlos Perico, proprietário do famoso restaurante Antiquarius, em Elvas, e uma loja de antiguidades, viu tudo ser estatizado. Veio para o Brasil e montou, no bairro do Leblon, o seu novo Antiquarius, com poucas mesas e comida típica portuguesa. Não pensa em voltar mais para o seu país.

Ao que tudo indicava, Portugal tendia para uma espécie de "democracia popular", que sonhava até com a implantação de *soviets*. O principal personagem da época era o capitão transformado em general, Otelo Saráiva, que tentava esse golpe aliado ao Partido Comunista de Álvaro Cunhal e outros grupos da esquerda radical — golpe que fracassaria em novembro de 1975. Num processo mecânico, à medida que o poder radical endurecia, à direita se radicalizava — eclodiam incêndios em florestas, enquanto grupos autônomos se multiplicavam, até mesmo dentro do Exército. Por outro lado, a descolonização se fazia, levando para Portugal os "retornados", repatriados flutuantes e infelizes, prontos para o que desse e viesse.

E, nesse caos, Portugal não tinha nem a direita do passado, nem a própria esquerda radical, caminhando para o centro político, já que a Comunidade Econômica Européia e a própria OTAN não iriam permitir que o país passasse a se constituir num trampolim geoestratégico do Kremlin. Assim, com a embriaguês revolucionária expurgada, o Copcon suprimido, Portugal entraria numa fase de transição com a Constituição de 1976, do tipo parlamentar e certa dose de presi-

"Ao que tudo indicava, Portugal tendia para uma espécie de 'democracia popular', que sonhava até com a implantação de soviets"

dencialismo, com um presidente eleito pelo voto universal, dotado do poder de veto.

A grande virada seria então a abertura do país aos investimentos estrangeiros e a tendência política para o centro, começando a ser implantada por Mário Soares, líder do Partido Socialista, obtendo 35% nas eleições legislativas (abril/1976) e, pelo presidente eleito em junho do mesmo ano — Ramalho Eanes, que comandaria o país até 1985, depois das “loucuras de primeiras horas”. Procurando manter o Exército equidistante, exercendo ao mesmo tempo o papel de fiel da balança na coalizão CDS (Centro Democrático Social) e PS (Partido Socialista) de Mário Soares, este acabou se afastando, em julho de 1978.

A instabilidade daria a Portugal governos de alta rotatividade, que duravam apenas meses, e até a chegada de uma mulher, a primeira no cargo — Maria de Lourdes Pintassilgo, então embaixadora do país na UNESCO. A instabilidade traria, no seu bojo, uma nova surpresa, em dezembro de 1979, com a vitória nas eleições do centro-direita, graças a coalizão entre o CDS, o PSD (Partido Social Democrático) e monarquistas.

Em 1980, Sá Carneiro procuraria imprimir novos rumos ao país na direção da centro-direita, quando morreu. As diretrizes se embaralharam e, nas eleições de 1985, o socialismo de Mário Soares obtinha vitória apertada sobre Diogo Freitas do Amaral, candidato do CDS/PSD (51,28% sobre 48,72%). O fato era justificado, já que a economia portuguesa entrara em declínio, contribuindo para o afastamento do dogmatismo ideológico: a devolução de empresas encampadas começa a ser feita... as províncias ultramarinas da África haviam se emancipado... enquanto se impunha certa

comunhão de idéias. Entrava para a cena política em 1985, Aníbal Cavaco Silva (PSD) e, logo no ano seguinte, Portugal ingressava na Comunidade Econômica Européia. Diziasse, em 1987, que “os cravos haviam murchado de vez”, com Cavaco Silva obtendo maioria absoluta no Parlamento.

Que fim levaram, pois, os mentores da Revolução dos Cravos?

O precursor e chefe que publicou o livro *Portugal e o Futuro*, que recebeu a rendição do governo Marcello Caetano Américo Tomás era, na realidade, odiado pelos comunistas. Foi, no episódio, um líder necessário, por haver se posicionado contra as guerras coloniais. Vive hoje em Portugal, já octogenário, e recebeu o bastão de Marechal, do Presidente Mário Soares.

O “capitão de abril”, Otelo Saráiva de Carvalho, apontado como o estrategista da Revolução dos Cravos, relacionado com o grupo terrorista “Forças Populares — 25 de abril”, foi condenado a 18 anos de prisão. Cumpriu 5 anos, apresentou queixa contra o Governo português no Tribunal Europeu e, diante da recusa, pode ter que voltar para a prisão. Mobilizando organizações de direitos humanos, tem esperança de ser anistiado.

General da reserva, Vasco Gonçalves é odiado pela direita pelas nacionalizações que realizou. Ao deixar o Governo, não aceitou ser chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; septuagenário continua sempre a dizer a frase de 1975 — “Vivemos num período contra-revolucionário”.

Comunista ortodoxo, Álvaro Cunhal ainda mantém crença no regime, acreditando que os homens é que falharam, a ideologia não. Octogenário, sua vida se confunde com a do Partido Comunista Português. Ao chegar ao país, em 1974, seu nome já se destacava

na nomenclatura do movimento comunista internacional. Em 1993, entregou o cargo de Secretário Geral do PC a Carlos Carvalhas, embora continue traçando os rumos da agremiação política.

Grândola, Vila Morena transformou-se no Hino Português da Liberdade. Seu autor, José Affonso, ligado aos setores de esquerda não comunista, ajudou a criar o hoje extinto Movimento de Unidade Popular, para apoiar a candidatura do "capitão de abril". Na faixa etária dos quarenta, com esclerose múltipla, que degenerou seus músculos, faleceu lentamente, pobre e abandonado, em 1987. Em 1994, procura-se reavivar sua memória com o lançamento, em CD, de seus discos.

Vinte anos completa a Revolução dos Cravos, e uma pesquisa de opinião divulgada pela TSF/Norma revela que 57,5% dos portugueses querem que os integrantes da PIDE e dirigentes do antigo regime sejam julgados. No entanto, em nome do direito à privacidade, todos estão protegidos por José Borges de Macedo, Diretor do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Por lei, esses documentos poderiam ser liberados ao público em 1994, mas Borges de Macedo determinou que se mantenham sigilosos até que se completem 75 anos do fim daquela política.

Integrante da União Européia (UE), Portugal está muito abaixo dos padrões exigidos em termos de produtividade. Em consequência, o Governo luta para reduzir a inflação para o mínimo de 9% anuais, aceita pelo

Clube Europeu, faltando ainda construir rodovias, ferrovias e pontes, para diminuir o contraste entre as grandes cidades do litoral e a pobreza do interior.

Vinte anos completou a Revolução dos Cravos... os radicais que nacionalizaram bancos foram sucedidos por defensores da economia de mercado, procurando vendê-los até mesmo para seus antigos proprietários.

***"Vinte anos passados,
pesquisa de opinião
divulgada pela TSF/Norma
revela que 57,5% dos
portugueses querem que os
integrantes da PIDE e
dirigentes do antigo regime
sejam julgados.***

E, satisfeita com a opção centrista, a UE premiou Portugal com bilhões de dólares como ajuda, para a criação de infra-estrutura. Com o país transformando-se em paraíso para os investidores, dentre os quais se incluem brasileiros, que vêm lá a nossa porta de entrada

na UE, com 300 milhões de consumidores, iria se gerar a "febre consumista", numa sociedade onde os hábitos eram bem mais de frugalidade. Os Shopping-Centers se multiplicam, carros importados trafegam pelas grandes cidades e multiplica-se o uso dos cartões de crédito. Por sua vez, Lisboa dinamiza-se nas noites, onde *shows* atraem multidões, artistas brasileiros são as vedetes e nossas novelas viraram mania nacional — tudo isso na capital portuguesa, a capital da cultura, em 1994, que não se refere mais aos outros europeus como estrangeiros, preparando-se para sediar a Exposição Internacional antes do final do século.

Vinte anos completou a Revolução dos Cravos... levando-nos a concluir que as eleições sucessivas, embora consagrando maiorias variáveis, tendem todas para um

ponto comum — o centro, quer seja da direita, quer seja da esquerda. E, nesse contexto, os “cravos murcharam”, já que com índices medfocres na votação, acabaram relegados

às margens do taboleiro de xadrez. O próprio Partido Comunista de Álvaro Cunhal bateu, em 1991, o seu recorde de impopularidade, com apenas 8,8% dos votos. □

BIBLIOGRAFIA

Almanaque/Abril — *A Enciclopédia em um Volume* — 1993.

SPÍNOLA, Antonio. *Portugal e o Futuro* — Análise da Conjuntura Nacional. Editora Nova Fronteira, Rio, 1974.

CAETANO, Marcello. *Depoimento*. Distribuidora Record, Rio, 1974.

OLIVEIRA, Barradas de. *A Democracia que nos Impuseram* (Volume I) e *Quando os Cravos Murcham* (Volume II). Fernando Pereira Editor, Lisboa, 1984.

GALVÃO DE MELO (General). MFA — *Movimento Revolucionário*. Portugália Editora, Lisboa, 1975.

Reportagens saídas em 25 de abril de 1994 nos diários brasileiros — *O Globo, Jornal do Brasil e O Estado de S. Paulo*.



VILLARES

Desde 1918, quando a Villares construiu sua primeira fábrica de elevadores, ela não pára de fazer história.

Neste período, a Villares já colocou sua marca em elevadores, escadas rolantes, equipamentos e sistemas de automação para as indústrias siderúrgica e petrolífera, pontes rolantes, guindastes e escavadeiras, geradores elétricos, turbinas hidrelétricas, equipamentos para processamento e beneficiamento de minérios, softwares aplicativos, componentes eletro-eletrônicos e muito mais.

Hoje, estamos desenvolvendo projetos pioneiros com a Marinha e o Exército, visando a capacitação de nossa indústria em áreas estratégicas para nosso País.

Tudo com a qualidade e a tecnologia que fizeram da Villares um dos maiores grupos industriais brasileiros de capital privado.

E, no que depender da gente, essa história ainda vai mais longe.

Equipamentos Villares SA

Eletrócontroles Villares Ltda

Av. Senador Vergueiro, 2000
09700 São Bernardo do Campo SP
Caixa Postal 5498
Telefone 443.5500
Telex (011)44068

Rua Alexandre Levi, 202
01520 São Paulo SP
Caixa Postal 15124
Telefone 276.1011
Telex (011)31669